

'FASCINANTE'

NEW YORK MAGAZINE

'ARREBATADOR'

VARIETY

FESTIVAL DE TRIBECA
SELECÇÃO OFICIAL

UM FILME DE
FRÉDÉRIC TCHENG

DIOR E EU



ESTREIA SIMULTÂNEA NOS CINEMAS, EM DVD E NOS VIDEOCLUBES

Na sua estreia em Portugal, DIOR E EU será apresentado em simultâneo nas salas de cinema, em DVD e nos Videoclubes das televisões. Com o apoio da TIDE EXPERIMENT, esta experiência inédita e inovadora pretende testar novos modelos de distribuição, mais adaptados às actuais necessidades dos espectadores inseridos num contexto em profunda transformação, preservando e privilegiando sempre a experiência única da sala de cinema.



SINOPSE CURTA

DIOR E EU leva o espectador ao mundo da casa Christian Dior com um acesso privilegiado aos bastidores da criação da primeira colecção de Alta Costura de Raf Simons, o novo director artístico da famosa marca.

Da concepção ao desfile, o processo é um verdadeiro trabalho de amor do estóico Simons e da dedicada, calorosa, e muitas vezes bem-humorada equipa de colaboradores. Misturando lindamente elementos da moda do dia-a-dia com uma elegante reverência à história de Dior, a homenagem colorida de Tcheng às costureiras do atelier é nada menos do que mágica.

SINOPSE LONGA

DIOR E EU leva o espectador aos bastidores da criação da primeira colecção de Alta-Costura do estilista Raf Simons, para a lendária Casa Christian Dior na Primavera de 2012. Constituindo uma via de acesso privilegiado ao interior da Casa, o filme documenta as oito semanas desgastantes que Simons teve para concluir a sua colecção de estreia. Revelando os mecanismos internos de funcionamento desta Casa, desde os processos criativos do seu director artístico às incansáveis costureiras do *atelier*, o filme explora as ligações pessoais que nascem entre os colaboradores, o seu trabalho e o legado de Christian Dior.

Sessenta e cinco anos antes, em 1947, o estilista Christian Dior emergiu no universo da Alta-Costura, aos quarenta e quatro anos de idade, com a sua colecção “New Look”, um extraordinário louvor à feminilidade após cinco anos de guerra. Instantaneamente, tornou-se membro da casa e um influenciador de tendências.

Hoje, o mundo criado por Christian Dior assenta no esforço e na enorme dedicação do conjunto de costureiras e alfaiates que, nos *ateliers*, ainda costuram as roupas à mão, na boa tradição da Alta-Costura.



SOBRE O REALIZADOR

Frédéric Tcheng é um realizador francês cujo percurso de formação começou pela engenharia civil. Porém, no ano de 2002, mudou-se para Nova Iorque para fazer o curso de cinema na Universidade de Columbia, tendo obtido a sua licenciatura em 2007. Foi co-produtor, co-editor e co-director de VALENTINO: O ÚLTIMO IMPERADOR (realizado por Matt Tyrnauer), o documentário que fez furor em 2009, tendo sido nomeado para o Óscar de Melhor Documentário. Foi ainda co-realizador de DIANA VREELAND: THE EYE HAS TO TRAVEL. As suas colaborações incluem personalidades tão diversas como a poetisa Sarah Riggs e o fotógrafo de moda Mikael Jansson. Trabalha como editor de publicidade para marcas como H&M, Jimmy Choo e Ferragamo. Neste momento, está a trabalhar num argumento de ficção.

OLHAR DO REALIZADOR

Cinema, fantasmas e espelhos

Sempre achei que um realizador de documentários era como um equilibrista: determinar a distância certa em relação ao tema retratado pode ser uma arte de equilíbrio. Isto é especialmente verdade quando o tema é uma das marcas de luxo mais poderosas do mundo.

Conheci Olivier Bialobos, Director de Comunicação da Marca Dior, na antestreia do meu filme DIANA VREELAND: THE EYE HAS TO TRAVEL. Ele gostou muito e começámos



a conversar. Isto passou-se seis meses após a trágica partida de Galliano e a marca ainda não tinha anunciado um novo estilista. Vi ali a premissa para uma boa história. Tinha assistido à última colecção de um estilista, ao fim de uma era, em VALENTINO, O ÚLTIMO IMPERADOR, e estava curioso para assistir ao que aí vinha, isto é, ao início de uma nova era. Raf Simons, considerado como um dos mais fortes candidatos, era uma novidade no mundo da moda. Sentia-me realmente empolgado.

Obviamente, a Dior queria ser a primeira a comunicar quem seria o novo estilista, pelo que me fez passar por uma série de provas antes de me conceder o direito a aceder à informação. Mas eu sabia que a minha principal tarefa seria manter a independência criativa, pelo que tratei de imediato de duas questões: primeiro, procurei ter o máximo de protecção legal (a legislação francesa, felizmente, atribui aos autores o direito moral sobre o seu trabalho, garantindo assim a minha liberdade criativa) e, em segundo lugar, comuniquei com a maior antecipação possível o tipo de realização que iria fazer, para evitar qualquer tipo de equívoco. Assim que tratei de tudo com a Dior, encontrei outro tipo de resistência: a privacidade de Raf Simons.

Naturalmente, qualquer pessoa fica relutante em deixar que uma equipa de filmagem passe a ser a sua sombra permanente ao longo de três meses, mas a preocupação de Raf Simons era mais profunda. Pressenti que a vulnerabilidade que estava a demonstrar seria fulcral para o filme. Na sua autobiografia de 1956 “Christian Dior & I,” Dior referia amiúde o seu próprio sentimento de alienação devido à exposição mediática. “Existem dois Christian Diors – o Christian Dior público e o Christian Dior indivíduo, que parece estar cada vez mais isolado.” À medida que Raf me foi conhecendo melhor, sentiu-se menos intimidado pela presença da câmara, mas eu sabia que a apreensão dele continuava a ser muito forte no que dizia respeito à publicidade que a primeira apresentação na Casa



Dior lhe traria. Decidi filmar a sua transformação numa figura pública rodeada de câmaras. O flash das câmaras, intrusivo, que encandeia e expõe, passou a ser um motivo recorrente para mim. Afinal, talvez as fotografias roubem de facto a alma.

O espelho, e o duplo que este inspira, foram também temas recorrentes que emergiram durante a rodagem. Se Dior se desdobrasse realmente em dois (a figura pública e o indivíduo privado), seria fácil imaginar o Raf como a sua reencarnação perfeita. Partilhava o mesmo sentido intenso de protecção da sua vida privada, o mesmo percurso nas artes... À medida que ia lendo a autobiografia de Dior, ia percebendo que o passado também era o espelho do presente, e vice-versa. Tudo o que estava a acontecer perante a objectiva correspondia, quase ao detalhe das personagens e das emoções, ao que Christian Dior descrevera em longos capítulos sobre a criação de uma colecção. Num momento, reconhecia a costureira de que falara; noutro momento, aquela situação de tensão. Não há dúvida de que é um monumento ao poder da tradição. A História repete-se.

Depois, pensei: que sensação assustadora deve ser para o Raf. Como podem esperar que ele mude o curso da História, mantendo em simultâneo a marca do passado? Como poderia impor a sua própria marca? Na sede da Dior em Paris, é impossível não se sentir a presença do seu fundador. A sua imagem está por todo o lado. Comecei a achar que o Raf devia sentir-se como a Sra. De Winter no filme REBECA de Hitchcock, esmagado pela presença fantasmagórica do antigo habitante da casa. A história de Raf seria uma história de emancipação.

Tendo tudo isto em mente, decidi então explorar um pouco mais o diálogo entre o passado e o presente, usando o cinema como veículo, e a voz de Christian Dior tornou-se numa importante ferramenta narrativa. Usei-a convencionalmente no início do filme para narrar sequências de arquivo, mas à medida que o filme progride vem do passado para o presente



e transforma-se num comentário à experiência de Raf. A fronteira vai-se esbatendo. O público espreita através do espelho. Esta ligação misteriosa a momentos distantes no tempo e na História inspirou ainda o meu desejo de conferir uma qualidade espectral às sequências de arquivo. Não serão os filmes, justamente, aparições de fantasmas há muito desaparecidos? Na Alta-Costura, às primeiras provas dos vestidos dá-se o nome de *toiles*, o que, em francês, é o termo coloquial para ecrã de cinema. A fim de evocar a intemporalidade dos modelos Dior, decidi literalmente fazê-los surgir nas *toiles*. À noite, as sombras da sua herança vêm assombrar a casa.

Isto contrasta com a energia que se vive de dia no *atelier*, um espaço dinâmico cheio de luz e fervilhante de actividade, que ali existe como se de um extraordinário microcosmos se tratasse. É um espaço suspenso entre o passado e o presente, que alberga um grupo notável de pessoas dedicadas e cativantes. Quando trabalhei com Matt Tyrnauer no documentário sobre Valentino, os meus conhecimentos extremamente circunscritos da língua italiana limitaram bastante a minha interacção com as costureiras. Mas neste filme, trabalhando com a minha língua materna, pude compreender mais profundamente a ligação pessoal que estes autênticos artesãos têm com o seu trabalho. Escondido no último andar do edifício histórico da Casa, o *atelier* é a “alma” da Dior, explica Catherine Rivière no filme. A Casa Dior é um mundo dividido em andares, no qual gestores, artistas e trabalhadores colaboram numa base diária para criar uma visão. O filme, para mim, é uma visão de conjunto de toda a Casa. Imergindo o espectador no mundo da Dior e revelando o extraordinário esforço necessário para criar uma colecção, gostaria que o filme transmitisse uma visão mais vívida da vida parisiense, na tradição dos grandes artistas do realismo francês, como Renoir e Zola. Quem é aquele “Eu” no título Dior e Eu? Prefiro deixar a resposta aberta a várias possibilidades.

A woman with blonde hair, wearing a white strapless lace dress, stands in a room. The background is split: the left side has a blue wall with a white floral pattern, and the right side has a red wall with a white floral pattern. She is looking to her right with a slight smile. Her hands are slightly raised and open.

REVISTA DE IMPRENSA

“Um retrato íntimo do mundo da moda” - **Indiewire**

“Uma obra soberba de cinema que abre uma rara janela para um mundo desconhecido”
- **The Independent**

“Simplesmente o melhor filme sobre moda” - **Elle Magazine**

“Mais do que um logotipo ou uma pessoa, são Dior” - **New York Times**

“Fascinante” - **New York Magazine**

Após os dois filmes biográficos sobre Yves Saint Laurent lançados no ano passado, este documentário apaixonante lança um olhar mais abrangente e contemporâneo sobre a indústria da moda. - **Première**

2014 | 89 minutos | França
Distribuído por Alambique